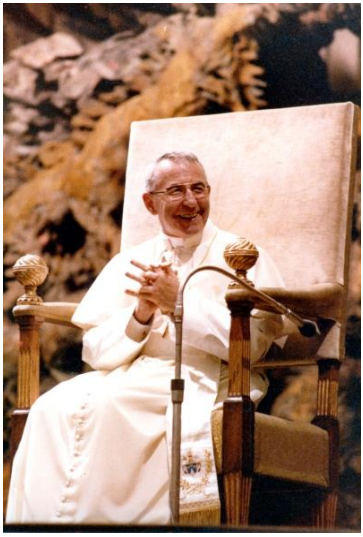
SERRA-PILAR

25 setembro 2016 | ano 42 | Tempo Comum, 26 | 1977



João Paulo I: "Papa do sorriso" deixou marca duradoura de Igreja que vive do essencial

www.serradopilar.com

Na véspera da sua eleição, citando Ávito de Vienne – santo bispo do século VI –, **ALBINO LUCIANI** (1912-1978) apontava na sua agenda pessoal: **«Se o Bispo de Roma é posto em causa, não é o Bispo, mas todo o episcopado que vacila».** No preciso momento da sua eleição como bispo de Roma, o cardeal argentino Eduardo Francisco Pironio, recorda-o assim: «Estava precisamente frente a ele e observava-o. Estávamos todos os cardeais à espera do seu sim. O seu sim a Cristo, um sim à Igreja como servidor, um sim à humanidade como pastor bom. Vi-o com uma serenidade profunda, que provinha de uma interioridade que não se improvisa».

Com uma unanimidade «que tinha o sabor da aclamação», segundo a expressão atribuída ao cardeal belga Léon-Joseph Suenens, após um conclave rapidíssimo, que durou apenas vinte e seis horas, a 26 de agosto de 1978 ALBINO LUCIANI subia ao sólio de Pedro. Ou melhor, a ele descia, como "servus servorum Dei", abaixando-se ao vértice da autoridade que é a do serviço pretendido por Cristo.

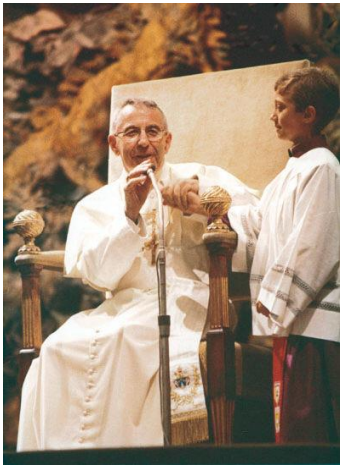
Não foi por isso sem significado aquela convergência maciça e espontânea dos 111 eleitores, para a maior parte dos quais se tratava da primeira experiência de conclave, e que não pareciam dispostos a tratar apenas de uma "mudança da guarda". É quanto basta para dizer que aquela escolha foi expressão de uma comum mentalidade eclesial e que chegou como fruto de uma mais longa e atenta reflexão. E esta unanimidade revelava precisamente que não se tratava de um papa programado por um determinado projeto político.

O conclave que elege o sucessor de Paulo VI foi o primeiro após a conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II [1962-65]. E essa eleição queria significar a vontade de progredir na atuação das orientações. Os cardeais tinham, portanto, olhado para a dirimente virtude da pastoralidade. E tinham escolhido o pastor. Não houve necessidade de análises particulares ou compromissos sobre o seu nome. O valor de LUCIANI, reconhecido desde há muito, estava todo na sua fisionomia centrada no essencial. Era o pastor nutrido por uma humana e serena sabedoria e de fortes virtudes evangélicas, que precede e vive no rebanho com o exemplo, sem qualquer separação entre a vida pessoal e a vida pastoral, entre a vida espiritual e o exercício de governo, na absoluta coincidência entre quanto ensinava e quanto vivia.

Perito em humanidade e nas feridas do mundo, conhecedor das exigências da imensa multidão dos pobres que vivem fora da opulência, era um sacerdote de vasta e profunda sabedoria que sabia

conjugar numa síntese feliz e genial "nova et vetera" [novo e antigo]. E se o Concílio queria ser um sinal da misericórdia do Senhor sobre a sua Igreja, como foi referido por João XXIII no discurso de abertura solene dos trabalhos conciliares – que foram, efetivamente, a sede em que a Igreja escolheu «a medicina da misericórdia" –, fora eleito um apóstolo do Concílio, que dele tinha feito o seu noviciado episcopal, explicando com cristalina lucidez os seus ensinamentos e traduzindo retamente na prática, com coragem perseverante, as suas diretivas, que incarnava com naturalidade e simplicidade. Em primeiro lugar na pobreza, que para LUCIANI constituía a fibra do seu ser sacerdote e do seu ser pelos homens, na operativa caridade evangélica.

Com a inédita escolha do binómio **"João Paulo"** ergueu o arco de conjunção daqueles que tinham sido as colunas desse tempo. Colunas que por alguns foram julgadas como separadas. LUCIANI conhecia este dissenso insidioso no seio da Igreja e considerava-o ofensivo da verdade e inimigo da unidade e da paz. A escolha do binómio foi, portanto, uma das não raras expressões da intuição genial com que sabia prontamente agarrar as questões, vendo com segurança o seu fundo, dissolvendo os nós das situações e dos problemas difíceis na Igreja.



Durante o seu ainda que breve pontificado manifestaram-se assim as prioridades de um pontífice que fez progredir a Igreja ao longo da dorsal daqueles que foram os caminhos principais indicados pelo Concílio: o regresso às fontes do Evangelho e uma renovada missionariedade, a colegialidade, o serviço na pobreza eclesial, o diálogo com a contemporaneidade, a procura da unidade com os irmãos ortodoxos, o diálogo inter-religioso, a procura da paz. Em cada uma destas prioridades vimo-lo exprimir-se nos gestos e nas palavras dos trinta e três dias de pontificado. Como fruto de um trabalho há muito começado, através de um magistério inauditamente suave e atrativo, plantado na radical escolha teológica de uma linguagem simples, coloquial e acessível, aquele "sermo humilis" canonizado por Santo Agostinho, que compreensivo pelo mundo e pelos homens é com eles dialogante e compreensível, a fim de que a mensagem da salvação possa chegar a todos.

continua na pág. 7

Nos 80 anos do seu assassinato, ler Lorca, sempre

Nos 80 anos do seu assassinato, que teve lugar no início do criminoso levantamento franquista contra o governo legítimo e democrático da República, a melhor homenagem que podemos prestar a Federico García Lorca é continuarmos a ler a sua extraordinária obra poética e dramática.

Ilustração a partir de fotografia de Federico García Lorca. Foto de obviousmag

Federico García Lorca (1898-1936) nasceu em Fuente Vaqueros, perto de Granada, e é considerado um dos maiores poetas europeus do século XX. A sua influência fez-se sentir em muitos poetas portugueses dos anos 30, 40 e 50, especialmente nos neo-realistas, como Manuel da Fonseca, também em Eugénio de Andrade – que o traduziu admiravelmente – ou ainda em Matilde Rosa Araújo, já nos anos 60. O poeta Joaquim Namorado, por seu turno, foi dos primeiros a divulgar o andaluz em Portugal, através do seu pequeno livro *Vida e Obra de Federico García Lorca*, publicado em 1943.

Na muita e variada poesia de Lorca (*Canciones*, 1927; *Romancero Gitano*, 1928; *Llanto por Ignacio Sánchez Mejías*, 1935; *Poeta en Nueva York* (1929-30), 1940, etc.), cruzam-se veios diversos: o simbolismo e os ritmos e temas tradicionais (designadamente de raiz popular e andaluza), mas também uma linguagem em que são já visíveis traços das poéticas de vanguarda das primeiras décadas do século XX (entre as quais se conta, por exemplo, o surrealismo, rótulo que todavia

o poeta sempre rejeitou). Em boa verdade, a surpreendente dimensão metafórica dos versos de Lorca, a ousadia das imagens, a insinuante musicalidade da escrita que legou à posteridade fizeram da sua uma voz poética verdadeiramente singular. Uma voz e um olhar que se deixaram seduzir também pelo jazz, pelos ritmos cubanos, pelo cinema (Chaplin, Buster Keaton…); uma voz e um olhar sensíveis, em *Poeta en Nueva York*, à condição social e económica dos negros, à discriminação de que eram vítimas, e à vida desumanizada das massas no coração do capitalismo, isto é, na América do Norte, onde permaneceu entre 1929 e 1930.

«Em boa verdade, a surpreendente dimensão metafórica dos versos de Lorca, a ousadia das imagens, a insinuante musicalidade da escrita que legou à posteridade fizeram da sua uma voz poética verdadeiramente singular.»

Lorca conheceu ou foi amigo de artistas como o realizador de cinema Luis Buñuel, o poeta chileno Pablo Neruda, o pintor Salvador Dalí e muitos outros artistas. Personalidade de proverbial encanto, simpatia e talento, foi ainda músico e cantor, encenador, actor e desenhador, além de grande dramaturgo (exemplos: *Bodas de Sangue*; *Yerma*; *A Casa de Bernarda Alba*) e promotor teatral, tendo escrito também alguns poemas para crianças *(«Canciones para niños»),* caso de ***«Canção tonta».*** Exemplo do seu trabalho de dinamização teatral é «La Barraca»: um grupo de teatro universitário, itinerante e de orientação popular, fundado e dirigido pelo poeta e por Eduardo Ugarte. Criado em 1931 com o apoio do governo, no início da Segunda República, e lançado no Verão de 1932, o grupo tinha como propósito levar o teatro clássico espanhol a regiões com escassa actividade cultural.

Apaixonado pela cultura e pela arte populares da Espanha – que tantas vezes recriou admiravelmente no seu trabalho artístico, fosse na poesia e no teatro, fosse na música –, imbuído de ideias e sentimentos generosos que o fizeram colaborar em numerosas iniciativas artísticas e político-culturais de cunho progressista, o poeta refugiou-se em Granada para fugir ao ambiente de agitação que se vivia em Madrid, acabando por ser surpreendido pelo levantamento fascista do general Franco (início da chamada Guerra Civil em Espanha). Os franquistas prendem-no na tarde de 16 de Agosto de 1936 e, na madrugada de 18 para 19, fuzilam-no num campo dos arredores de Granada. O seu corpo nunca foi encontrado. Esta trágica circunstância, aliada à memória da própria personalidade de Lorca, viria a contribuir para tornar este poeta uma figura mítica e uma espécie de símbolo dos milhares e milhares de vítimas do terror fascista em Espanha e do combate da cultura contra a barbárie.

Muitos outros poetas o prantearam, em particular companheiros seus do chamado «Grupo de 27» (Rafael Alberti, Manoel Altolaguirre, Luis Cernuda, Vicente Aleixandre, etc.) e poetas latino-americanos de quem foi amigo, como o chileno Pablo Neruda. Apoiantes ou mesmo combatentes do lado republicano,

alguns dos que conheceram Lorca, como o poeta, mais jovem, Miguel Hernández, viriam, eles também, a ser encarcerados e a morrer precocemente ou então a exilar-se para fugir à perseguição franquista.

Nos 80 anos do seu assassinato, que teve lugar, como foi dito, no início do criminoso levantamento franquista contra o governo legítimo e democrático da República, a melhor homenagem que podemos prestar a Federico García Lorca é continuarmos a ler a sua extraordinária obra poética e dramática. E descobrirmos textos como *Alocução ao Povo da Aldeia de Fuentevaqueros*, obra editada em 2004 e reeditada, em 2014, pelo Sector Intelectual do Porto do PCP, que constitui um admirável e emotivo elogio do livro, uma viagem pela sua história, além de um incentivo à leitura e um tributo à própria literatura.

Experimente, por isso, ler o famoso **«Pranto por Ignacio Sánchez Mejías»**, em tradução de Jorge de Sena.

Depois encante-se também (e leia o poema aos seus filhos) com esta maravilha de simplicidade que é, na tradução de José Bento, a

Canção tonta

Mamã.
Eu quero ser de prata.
Filho,
terás muito frio.

Mamã.
Eu quero ser de água.

Filho,
terás muito frio.

Mamã.
Borda-me em tua almofada.

Está bem!
Agora mesmo!

Federico García Lorca, *Antologia Poética*,
Lisboa, Relógio d'Água, p. 37 (trad. de José Bento)

JOSÉ ANTÓNIO GOMES. Ensaísta, crítico literário e investigador; professor do ensino superior público.

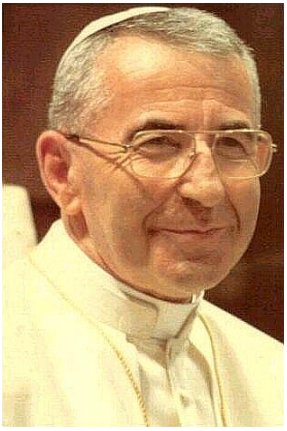
http://abrilabril.pt/sites/default/files/styles/jumbo1200x630/public/assets/img/esp-lorca1.jpg?itok=fo0-rZvX (21.08.2016)

JOÃO PAULO I: "PAPA DO SORRISO" DEIXOU MARCA DURADOURA DE IGREJA QUE VIVE DO ESSENCIAL

continuação da pág. 3

A premente e provocante atualidade de Luciani

Não é por isso necessário perguntar-se sobre qual seria o caminho que com ele teria percorrido a Igreja. A imagem que da Igreja nutria João Paulo I é a do discurso das Bem-aventuranças, dos pobres de espírito, mais próxima dos sofrimentos das pessoas e da sua sede de caridade, que não se esconde nem se confunde com a lógica dos escribas e dos fariseus, nem com a dos manipuladores ideológicos ou dos espíritos mundanos misturados na trama das fações. O caminho de ALBINO LUCIANI teria sido aquele que mergulha as raízes no nunca esquecido tesouro de uma Igreja antiquíssima, sem triunfos mundanos, que vive da luz reflexa de Cristo, próximo do ensinamento dos grandes Padres e aos quais regressou o Concílio. É aqui que deve ser reconsiderada a profundidade da sua obra. É aqui que deve ser recuperado o valor histórico do seu pontificado. Aquele que foi ignorado, diminuído e até ridicularizado, porque evasivo aos confrontos em chave ideológica de quantos, então como hoje, não só na imprensa, comparam os gestos e as palavras com a tabela dos valores estabelecidos ou pelos progressistas ou pelos conservadores, para decidir como encaixar a figura, como dar-lhe uma conotação ideológica, porque só conta o que se torna ideológico, só aquilo que pode reduzir-se às alternâncias do jogo político direita-esquerda, progresso-reação, tradição-revolução. Não foi a sua morte repentina, mas as caricaturas sobre a sua morte que liquidaram Luciani da dignidade histórica. Uma dignidade histórica que continua toda por retransmitir, redescobrir e estudar. Para voltar a compreender também o presente.



«Todos nós, especialmente nós da Igreja, devemos perguntar-nos: realizamos verdadeiramente o preceito de Jesus que disse "ama o teu próximo como a ti mesmo"?». Definiu-se como **«pobre papa»** e chegou àquele inaudito **«Deus é mãe»** para exprimir o visceral amor de Deus. **«Que eu vos ame sempre mais»** foram das últimas palavras que proferiu publicamente, na audiência geral de 27 de setembro, véspera da sua morte. Não foi Luciani, provavelmente, o papa por excelência da misericórdia? Relativamente à

colegialidade, que fez parte da sua intervenção escrita no Concílio, voltou insistentemente à fraternidade episcopal.

Na audiência com os cardeais, a 30 de agosto, referindo-se à constituição do Vaticano II sobre a Igreja, *"Lumen gentium",* no seu número 22, tocou um dos pontos-chave da eclesiologia do Concílio. **«Os bispos –** afirmou de improviso – **devem pensar também na Igreja universal… atrás de vós vejo os vossos bispos, as conferências episcopais, que no clima instaurado pelo Concílio devem dar forte apoio ao papa… Isso é verdade, mas hoje há uma grande necessidade de o mundo nos ver unidos… Tende piedade do pobre papa novo, que realmente não esperava entrar neste lugar. Procurai ajudá-lo e procuremos juntos dar ao mundo uma mostra de unidade, mesmo sacrificando por vezes algumas coisas; mas teremos tudo a perder se o mundo não nos vê solidamente unidos».**

Com a sua morte repentina interrompeu-se esta história da Igreja, que tende a servir assim o mundo? A sua eleição foi o sinal de um escândalo. Um escândalo saudável, que deveria erguer junto da sede de Pedro uma onda antiquíssima de emoções e de fé em todo o mundo. Ela foi a prova de que o sobrenatural não abandona a Igreja, deixando-a entrever o mistério da sua presença histórica.

ALBINO LUCIANI não passou como um meteoro, a sua passagem deixou uma marca duradoura e ardente com a sua desconcertante piedade. Permaneceu no tempo, como as brasas sob as cinzas, tornando-se forte e indeclinável testemunho do que é a essência, o fundamento autêntico do viver na Igreja e para a Igreja. Por isso não se encerrou com ele um capítulo da história dos papas, não se volta atrás, não se recomeça do princípio. O que a Igreja está a reviver no interior desde João XXIII, desde o Concílio Vaticano II, desde Paulo VI, não é um parêntese.

Se o governo de ALBINO LUCIANI não se pôde desdobrar na história, ele contribuiu mais do que qualquer outro para reforçar e testemunhar hoje o projeto de uma Igreja que com o Concílio voltou às fontes, mais essencial, mais evangélica. Não parecerá pouco. Porque o sinal desta história é o da Graça que entra no mundo, e por caminhos misteriosos o penetra para vencer, como a aurora a noite, os fingimentos hipócritas, as inenarráveis alienações desta nossa lacerada humanidade. Fora e dentro da Igreja.

Stefania Falasca

In *"Avvenire"*. Trad. / edição: Rui Jorge Martins

http://www.snpcultura.org/joao_paulo_i_papa_do_sorriso_deixou_marca_duradora_de_igreja_que_vive_do_essencial.html (25.08.2016)